

ALFREDO DE ASSIS

DA ACADEMIA MARANHENSE

---

ORMA  
869.909  
R 848g  
CON

GONÇALVES DIAS



S. LUIZ DO MARANHÃO

RAMOS D'ALMEIDA & C.

1926

SECMA-BIBLIOTECA PUBLICA  
Benedito Leite

L'homme passe devant ce  
naufagé insubmersible. Il en  
reste assez pour une gloire  
immense.

V. HUGO—*William Shakes-  
peare*, liv. 2<sup>e</sup>, III.

## ANTELOQUIO

Nós os maranhenses falamos com frequencia naquelles que nos deram gloria e renome literario. Anda nisto não pouco de legitimo orgulho, mas tambem, relativamente a numero avultadissimo de pessôas, a vaidade que se paga de apparencias brilhantes e multicores, de fingir que sabe o que não sabe, de dar a entender que se encontra no pleno conhecimento do que muitas vezes totalmente ignora. Porque a verdade é que está muito longe de ser satisfactoriamente conhecida no Maranhão a obra dos que lhe foram as verdadeiras grandezas do passado nos dominios da intelligencia. São poucos os que entre nós se dão á leitura mais ou menos seguida e cuidadosa do que produziram os vultos capitães do nosso Pantheon. Admira-os a maior parte como admira os monumentos da extincta Persepolis e a desaparecida estatua de Athena Parthenos . . .

Par e par com esta falta, uma outra avulta, e tanto mais grave, quanto concorre e tem concorrido para aquelle desconheci-

mento—e vem a ser a ausencia, no nosso meio, de estudos a respeito das referidas individualidades. Tomemos para exemplo o cantor dos *Tymbiras*. Que livros, que ensaios a respeito delle hão deixado os prelos maranhenses depois que se publicaram em Lisbôa as longas e importantes apreciações literarias do dr. Antonio Henriques Leal?

Um ou outro artigo de jornal, um ou outro discurso é o que tem apresentado sobre Gonçalves Dias cada uma das varias gerações que se teem succedido depois da sua morte. E no entanto, para lembrar um contraste sem sahir dos limites da nossa lingua, e sem querer equiparar a vida mental portugueza á nossa, provinciana e modesta,—já constituem bibliotheca os volumes publicados em Portugal sobre Camillo Castello Branco, em torno de cuja vida e obra não deixa de mover-se a curiosidade e o espirito de analyse dos seus patricios. E é certo que sob variados aspectos póde tambem ser considerada a personalidade do immortal maranhense, aspectos cada um dos quaes offerece margem, só por só, á elaboração de largo estudo, rico de observação e cheio de interesse. Fonte inesgotavel de inspirações é toda a maravilha, ou seja da Creação, ou do mundo superorganico. Esse condão inspirador é portanto commum ás obras primas, o que vale dizer tambem áquelles que as produzem.

Shelley, aliás, deixou escripto que um grande poeta é uma obra prima da natureza . . .

Publicando agora o pequeno e desvalioso trabalho que li no Theatro Arthur Azevedo na noite de 9 de Agosto de 1923, em que se encerraram as festas do 1.º centenario da nossa independencia politica, e sentindo não trazer a lume em vez d'elle, por impossivel ás minhas forças, um estudo á altura dos que me parecem mais proprios da memoria dos nossos grandes homens, aproveito a occasião para manifestar o meu vivo desejo de que esses estudos se succedam a respeito de todos elles na justa proporção dos seus merecimentos. Advirão d'ahi maior honra e gloria para as nossas letras e nos mostraremos mais dignos daquelles que tão alto nos collocaram entre as outras provincias do Brasil.

A. DE A.

## GONÇALVES DIAS

Quiz o Governo terminassem, com as festas do centenario de Gonçalves Dias, as do centenario da independencia do Maranhão. De melhor modo não poderia symbolizar o papel representado por aquelle homem devéras extraordinario na evolução espirital do Brasil. Mais accentuada e intelligentemente não conseguiria significar o que foi a obra do grande bardo nas terras de Santa Cruz.

Politicamente, é bem certo, ficamos na pleniposse dos nossos destinos ao arraiar do dia 28 de julho de 1823. Marcou esse dia, por maneira definitiva e irrevogavel, a extincção do mando portuguez nesta porção das regiões descobertas pelo almirante Pedro Alvares Cabral.

Mas apenas 13 dias depois, em territorio sujeito á jurisdicção de Caxias, foi que nasceu aquelle que havia de assignalar, em cantos impereciveis, a independencia do nosso genio nos dominios da literatura. Fôra em vão que alguém procuraria, depois de conhecidos os versos do radioso porta-lyra, fazer acceitavel a opinião de que eramos, do ponto de vista literario, nada mais que representantes, neste lado do Atlantico, da vida mental portugueza. As "Poesias americanas" são as maravilhas de um mundo novo a desdobrar-se amplamente sob o esplendoroso velario de constellações ainda não vistas . . .

Apontarei, para lembrar uma prova desta verdade, o seu indianismo, tão diverso do de Basilio da Gama e dos outros poetas que elaboraram composições de maior ou menor vulto sobre o nosso aborigene. José Verissimo, no campo de cuja visão critica se apresentou bem determi-

nada e bem nitida a figura de Gonçalves Dias, notou com inteira precisão essa diferença, chegando a estabelecer a existencia de dois indianismos, dos quaes foi o segundo o do autor de *Y-Juca-Pirama*. Neste derradeiro desabrolhar daquelle motivo destinado a não mais reviver na lyra de trovadores americanos, pulsam com todo o vigor e vitalidade as vibrações da nossa natureza e dos incolas primeiros da terra brasileira, com os seus sentimentos, idéas e costumes, especialissima psychologia, curiosas peculiaridades. E assim se manifestam á luz de jamais desmerecida sympathia, sob o influxo de affecto espontaneo, fundamente radiculado, que porisso mesmo dá ao verbo em que resplandece o raro poder emocional que faz nunca mais nos esqueçamos dos cantos nationaes do immorredoiro versejador. E' que—mui opportunamente o salienta o citado escriptor paraense—o brasileiro de Gonçalves Dias lhe es-



tava nas fontes mesmas da constituição affectiva, “na massa do sangue, para falar com o nosso povo”, e o que fez depois a cultura, os estudos de historia e ethnographia, não foi senão avigoral-o e esclarecel-o, proporcionando ensejo a outras manifestações daquelle genio poderoso e multiforme que, traçando as paginas de *O Brasil e a Oceania*, cresceu em renome, firmando-se a reputação de soberano prosador. Procuraríeis, sem o descobrir jamais, nesse tão relevante conspecto da obra poetica de Gonçalves Dias, o que pudesseis considerar uma como repercussão das letras européas ou mais propriamente lusitanas. O nacionalismo, se assim é licito exprimir-me, das *Poesias americanas* é puro e exempto de quaesquer influencias alienigenas, tem sabor genuino e inconfundivel, sabor de fructo bem nosso e perfume de flor que não veio de alheios climas, senão que rebentou prodigiosa de originalidade, qual

se o espirito em que lhe surgiu a formosura fosse uma exclusiva projecção ethnologica das virgens regiões do Novo-Mundo. E esse character bem parece que elle mesmo o quiz denunciar nos quatro derradeiros versos desta lindissima oitava da "Canção" que faz parte das *Poesias Diversas* :

Tenho alaude polido  
Em que antigos Trovadores  
Em tom de guerra atrevido  
Cantavão trovas de amores.  
Mas, chegando a Santa Cruz,  
De volta do meu desterro,  
Cortei-lhe as cordas de ferro,  
Cordas de prata lhe puz.

Fôra talvez difficil exprimir o poeta por meio de imagem mais delicada e impressiva a dessemelhança de sentimento e processos que tão evidente se revela entre as suas produções de assumpto especialmente indianista e as outras, de feição mais amplamente humana, de natureza menos restricta ou mais universal.

SECMA-BIBLIOTECA PUBLICA  
Benedito Leite

Salientemos, isto posto, uma das maiores singularidades desse homem por tantos títulos admirável, qual a de ser assim genial, visceralmente brasileiro, sem deixar de ser ao mesmo tempo, em relação a certas modalidades, um expoente do espirito lusitano em terras do Brasil, o que, em phrase feliz, foi lembrado por José Verissimo, quando escreveu ser Gonçalves Dias, nas nossas letras, “um dos raros exemplos comprobatorios da fallaz theoria da raça”. Recordo a circumstancia para accentuar que o poeta, oriundo de pai portuguez, havendo-se educado em Coimbra, onde se demorou dos 14 aos 21 annos, quando recebeu na Universidade o grau de bacharel em Direito, o que vale dizer que viveu ás margens do Mondego em idade propicia á influencia das mais fortes e duradoiras impressões; tendo ahi, no harmonioso convivio de condiscipulos distinctos e amigos bem caros, ganho o amor ás letras e eleva-

do o espirito aos cimos de esmeralda cultura, parte da qual representada por um profundo conhecimento da lingua e literatura lusitana assim contemporanea que antiga, esta por via de trato assiduo com os classicos de maior autoridade; nem por tudo isso deixou de ter sempre a repletar-lhe o coração um desvelado amor á terra natal, cuja recordação todos os dias, ou longe ou perto, quer no Estrangeiro, quer mesmo no Brasil, não o abandonou jamais, trazendo-o sob a continua influença de grande, entranhavel saudade . . .

Manifestação por excellencia do seu lusitanismo literario são decerto as incomparaveis *Sextilhas de Frei Antão*.

Constam de 406 estancias que foram escriptas em quinze dias, segundo o testemunho do dr. Antonio Henriques Leal no *Pantheon*, vol. 3.º, pag. 89,—e vem de molde esta circumstancia de tempo não



simplesmente para deixar em relevo que esse extenso e primoroso trabalho se realizou em uma quinzena, senão principalmente com o fim de lembrar que os invulgares conhecimentos em todo elle superiormente espelhados já eram agua serena e cristalina que se havia accommodado ao leito mais proprio no vasto espirito de Gonçalves Dias. Não tinham sido conhecimentos ligeiramente apanhados para que se não demorasse o revide que effectivamente, com as *Sextilhas*, deu o poeta aos censores do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro, aos quaes mandara, por interposta pessôa, o drama "Beatriz de Cenci", cujo autor não sabiam quem fosse. Bem outra, vale dizer menos bella e menos eloquente havia de ser a resposta do dramaturgo, justamente offendido pela iniquidade do julgamento, se não fôra verdadeiro o que acabamos de asseverar. Disseram que era grave a imperfeição de linguagem do drama.

E Gonçalves Dias, que pouco depois havia de culminar no theatro escrevendo a *Leonor de Mendonça*, castigou-lhes a ignorancia ou a prospia com o “latego de estrellas”—vem aqui muito a proposito a fulgida expressão junqueiraiana—daquelles deliciosos e inimitaveis septissyllabos de natural e saborosa composição classica, septissyllabos tão nitidamente portuguezes na feitura e nos assumptos, ou inteiramente fantasiados pela exuberante imaginativa do grande aédo,—e tal é o caso de *Gulnare e Mustaphá*, ou bebidos em velhas paginas de chronistas e historiadores peninsulares,—e desta origem são a *Lôa da Princeza Santa*, o *Solao do Senhor Rei D. João*, o *Solao de Gonçalo Hermiguez* e a *Lenda de Sam Gonçalo*.

O supposto autor das *Sextilhas* subscreve desta maneira a *Lenda da Princeza Santa* :

Isto escreveu Frei Antão  
De vida mui alongada ;  
Nossa Senhora da Escada  
O teve por Capellão.

Quem as ler estando mais ou menos familiarizado com os documentos do nosso idioma anteriores ao periodo contemporaneo, intimamente reconhecerá que melhores, mais perfectas e mais sentidas não havia de fazel-as, se acaso houvesse pulsado as cordas de uma lyra, aquelle experimentado Frei Antão de vida mui alongada, “um dos mais teimosos macrobios que nunca existiram”, consoante se exprime o poeta em nota relativa aos alludidos poemas.

E' opportuno desfazer aqui um engano do eminente Sotero dos Reis na apreciação que elaborou a respeito das *Sextilhas* no tomo 4.º do seu prestimoso *Curso de Literatura*. Duas vezes ahi manifesta Sotero a opinião de que o portuguez das *Sextilhas* é o mesmo do

Cancioneiro de D. Diniz. Tal não acontece. O rei trovador viveu de 1279 a 1325, e Gonçalves Dias, nas mencionadas notas, foi o proprio a traçar as seguintes palavras textuaes : “Figuro terem sido compostos estes cantos na primeira metade do seculo XVII: porisso alludo frequentemente ao dominio dos Felippes em Portugal”. E’ de incontrastavel evidencia que Gonçalves Dias não iria resvalar do aprumo de sempre commettendo o anachronismo de escrever sobre factos do seculo XVI ou XVII em linguagem do seculo XIII ou XIV. E basta a leitura das trovas do amavioso macrobio para que de continuo se perceba o *lapsus calami* do esclarecido philologo. O versejar de D. Diniz era ainda o quasi barbaro da arte poetica provençal com as suas *cançós, sirventescs, descorts, tenses, contenses, pastorellas, planhs* ou *plangs*, emquanto que o attribuido ao velhissimo capellão de Santa Maria da Escada se manifesta



em linguagem bem aceita a ouvidos modernos, linguagem de encantadora simplicidade e da maior transparencia lexicologica e syntactica. Comparem-se alguns versos ao acaso apanhados em qualquer dos cancioneiros portuguezes da epoca medieval com os que se quizerem das *Sextilhas de Frei Antão*, e a toda a luz resaltarão a exactidão da nossa affirmativa. Nem se compadeceria com o afinado senso esthetico do excellente cantor a rebusca de assumptos de ha tres seculos a que bem se ajustasse o dizer, desde muito obsoleto, dos primeiros trovadores de Portugal, hoje apenas procurados por um ou outro obstinado amigo de antigalhas, ou por aquelles a quem a tanto obriga o dever professional ou accidentaes necessidades de ordem scientifica ou literaria.

Aquelle amor de Gonçalves Dias á terra do berço mostrou-se dos mais vivos que lhe refulgiram no

coração. Encheu-lhe a vida inteira e foi posto á prova de amargas separações desde os mais verdes annos do seu atormentado existir. Foi-lhe o thema de varias locubrações revendo a sinceridade da emoção com que se elaboraram, e que porisso mesmo se enumeram entre as sempre-vivas da poesia brasileira, a começar pela mimosa e singela *Canção do exilio*, versos de Coimbra e dos vinte annos, que a gente lê evocando estes outros da *Conso- lação nas lagrimas* :

Nada é melhor que este pranto  
Em silencio gotejado,  
Meigo e doce, e pouco a pouco  
Do coração despegado.

A *Canção do exilio* é assim esse  
brando e resignado gotejar de lagri-  
mas de saudade e tristeza,

Não sôro de fel, mas santo  
Frescor em peito chagado;  
Não espremido entre dores,  
Mas quasi em prazer coado.

Outros cantos, porém, nascidos da recordação e do amor da terra natal, arrancou-os Gonçalves Dias ao coração atingido de excrucianta amargura. Foi assim martyrizado que elle, ao partir para o Velho-Mundo em procura de melhoras para a saude arruinada, mandou o *Adeus* de despedida aos seus amigos do Maranhão, entre os quaes tão somente lhe fôra possível gozar instantes felizes na vida, e em cujo convivio bem desejara envelhecer e morrer:

... Curtos instantes  
De inefavel prazer—horas bem curtas  
De ventura e de paz frui convosco :  
Oasis que encontrei no meu deserto,  
Tepido valle entre fragosas serras  
Virente derramado, foi a quadra  
De minha vida, que passei comvosco.  
Aqui de quanto amei, do que hei soffrido,  
De tudo quanto almejo, espero ou temo,  
Deslembrado vivi !—Oh ! quem me dera  
Que entre vós outros me alvejasse a fronte,  
E que eu morresse entre vós ! Mas força  
[occulta,  
Irresistivel, me persegue e impelle.

Qual folha instavel em ventoso estio  
Do vento ao sopro a esvoaçar sem custo,  
Assim vou eu sem tino,—aqui pégadas  
Mal firmes assentando—alem pedaços  
De mim mesmo deixando.

Assim tambem foi que elle referiu á irmã adorada, na primeira composição das *Saudades* que constituem a parte antepenultima do 1.º tomo das *Poesias Completas*... assim foi que referiu a dôr dos dias em que della estivera separado por haver deixado o Maranhão quando, aos quatorze annos, teve de ir estudar em Portugal:

Parti, dizendo adeus á minha infancia,  
Aos sitios que eu amei, aos rostos caros  
Que eu já no berço conheci,—áquelles  
De quem, máo grado a ausencia, o tempo,  
[a morte

E a incerteza cruel do meu destino,  
Não me posso lembrar sem ter saudades,  
Sem que aos meus olhos lagrimas des-  
[pontem.

Parti! sulquei as vagas do oceano;  
Nas horas melancolicas da tarde,  
Volvendo atraz o coração e o rosto

Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,  
Misturei meus tristissimos gemidos  
Aos sibilos dos ventos nas enxarcias!

. . . . .

Arrazados de lagrimas os olhos,  
Segui no pensamento as andorinhas  
Nos invejados vôos!—procuravão,  
Como eu tambem nos sonhos que mentião,  
A terra que um sol calido vigora,  
E em frouxa languidez estende os nervos.  
Patria da luz, das flores! . . .

Só a certas naturezas excepçoes é dado bemquerer com tamanha intensidade á terra do nascimento. Foi assim que Luiz de Camões bemquize á terra portugueza. Nelle, como em Gonçalves Dias, o genio poetico rivalizou em grandeza o amor da patria; e dahi o milagre dos *Lusiadas*; e dahi o inexcedivel de numerosos trabalhos derramados ao longo da obra literaria do egregio poeta e prosador maranhense. Impõe-se-me, neste passo, a evocação da celebre carta de Camões a D. Francisco de Almeida, pouco depois do desastre de Alcacer-Quebir.

Nessa carta, em uma derradeira e angustiada exteriorização do sentimento patriótico, dizia o cantor das Armas e Barões assinalados: “emfim, acabarei a vida e verão todos que fui tão afeiçoado á minha patria, que não me contentei de morrer nella, mas com ella”. Sinto que era com amor assim magnifico e encendido que amava ao nosso Maranhão aquelle que em 1850, aos 7 de agosto—contava então vinte e sete annos—escrevia do Rio de Janeiro ao dr. João Duarte Lisboa Serra, um dos seus amigos mais caros desde os tempos de Coimbra:

“Minha alma não está commigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, envolta em neblina, balouçada em castellos de nuvens, nem roquejando na voz do trovão. Lá está ella!—lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a sussurrar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus

olhos sempre virão, nas paisagens que eu amo, onde avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o pau d'arco coberto de flores amarellas. Alli sim,—alli está—desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras—desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Ahi, outra vez remoçado e vivificado de todos os annos que esperdicei, poderei enxugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim”.

Era desse modo que elle queria á terra em que nascera; estremezia-a supremamente, e isto mesmo,

segundo já ficou lembrado, lhe foi uma das causas do padecer de toda a existencia. Naquella grande alma de delicada sensibilidade repetiram-se os desgostos como vagas em mar agitado. Tanto é certo que neste mundo os mais torturados são em regra os de melhor coração; e a elevação moral de Gonçalves Dias revelou-se não menor que os soffrimentos que experimentou, ás vezes, elle o disse, ficticios, produzidos pela imaginação, mas nem porisso menos agudos. Mostram-lhe os escriptos a singular nobreza dos sentimentos. Revela-a por igual tudo aquillo que se lhe conhece da vida. E a ella se refere com o accento de sincera convicção o dr. Antonio Henriques Leal, que mui de perto o conheceu, tendo-lhe sido amigo dos mais intimos. Diz este insigne escriptor no tomo 3.º pag. 43 do *Pantheon Maranhense* ter sido Gonçalves Dias uma alma bem formada e *sem igual*.



Para um viver em tanta maneira amargurado, bem se vê que foi desfecho condigno a morte que teve o poeta no naufragio da *Ville de Boulogne*, sumida nas ondas do Oceano a pequena distancia das terras do Maranhão, a que elle regressava no aneio de lhe pedir a derradeira luz para os olhos, o hausto derradeiro para os pulmões dilacerados. Horrores da sorte. Pravidade sem nome do peor dos destinos. Tanto que amava o torrão natalicio, e nem ao menos, com elle bem perto, logrou alcançar-lhe o quasi nada de sete palmos onde ficasse a dormir o somno infinito! Porque até isso lhe foi negado, quando nos foi dada a riqueza dos seus versos, pura e perpetua fonte do nosso orgulho de maranhenses?

Conta o dr. Antonio Henriques Leal—e aqui o repito ao coração dos meus conterraneos no desejo de avivar enternecedora recordação—que, estudante em Coimbra, e já en-

tre os condiscipulos considerado talento poetico de primeira ordem, foi solicitado Gonçalves Dias a colaborar na revista literaria *O Trovador*, prestes a sahir sob a direcção de João de Lemos e outros rapazes de merecimento, entre os quaes Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, que depois havia de escrever *A doida de Albano*. O convite era seductor para um joven, de talento e naturalmente ambicioso de renome. Gonçalves Dias, porém, recusou-se a pertencer ao numero dos poetas da revista, fiel ao pensamento de somente no Maranhão, quando regressasse, entregar á publicidade os seus primeiros versos. Não desistiram, todavia, do seu designio o futuro autor da *Lua de Londres* e respectivos companheiros; e apenas por mui pertinazes conseguiram vencer um dia o proposito do estudante maranhense, que escreveu na occasião as sextinas da *Innocencia* para o primeiro numero d'*O Trovador*.

As poesias que, depois dessa, Gonçalves Dias publicou na imprensa antes dos *Primeiros Cantos*, appareceram aqui em 1846 na revista *O Archivo*, da Associação Literaria Maranhense. Foram ellas a *Canção de Bug-Jargal* (trad.), *Seus Olhos*, *A Escrava* e *Te-Deum*. Verifiquei-o em um dos volumes da preciosa collecção jornalística do sr. professor Ribeiro do Amaral.

\* \* \*

A grandeza de Gonçalves Dias foi reconhecida e geralmente proclamada logo ao vir á luz o seu livro inaugural. E uma das vozes que o victoriararam vibrando mais alto foi a de Alexandre Herculano, escriptor que raramente assignava elogios, e não os consagrava senão a quem rigorosamente os merecesse. Longo foi o artigo de Herculano saudando o novo citharedo; e nelle escreveu o illustre historiador as se-

guintes palavras, que reproduzo como a synthese do seu julgamento: “Os *Primeiros Cantos* são um bello livro; são inspirações de um grande poeta”.

Correram os annos, succederam-se os decennios, e Gonçalves Dias, crescendo em celebridade, enaltecendo-se em gloria, passou a ser definitivamente considerado o mais vultuoso poeta brasileiro de todos os tempos. Assim o tem julgado os nossos criticos de mais reconhecida autoridade e a palavra dos nossos mais assignalados poetas, entre os quaes Olavo Bilac, o perfeito cinzelador da *Via-lactea*, que o fez patrono da cadeira de que foi o primeiro detentor na Academia Brasileira de Letras. E outro não ha sido o sentir unanime dos que no Brasil se tem familiarizado com a obra do autor dos *Tymbiras*.

E porque havia de succeder o contrario? Que espirito de poeta já entre nós, e simultaneamente, se re-

velou tamanho em sentimento e cultura, tão mestre na lingua, tão suave no dizer, de tão altos pensamentos e penetrativa emoção? Poderosa é a originalidade que resplandece em numerosos dos seus poemas. E quem, no Brasil, já conseguiu sobreexcedel-a, revelando imaginação mais vigorosa, concepção mais elevada e plasticidade verbal em condições de traduzil-as com perfeição em todos os contornos e modalidades? Esta immensa terra de Santa-Cruz, tão dadivosa na criação de poetas em cujo numero não raros de forte envergadura, como que teve o pensamento de multiplicar os fulgores ao amanhecer da independencia politica de seus filhos fazendo nascer, no limiar dessa independencia, um espirito que lhe fosse igual em tamanho, que a sentisse e traduzisse em todo o prodigio da maravilhosa natureza, que symbolizasse o lado mais nobre das tres raças que se fundiram para produzil-o, e que

finalmente, annos e seculos em fóra, ficasse como a representação do genio brasileiro, a manifestação mais alta e luminosa das suas preexcellencias intellectuaes e affectivas . . .

E Gonçalves Dias é bem tudo isso. Nem parece outra a razão por que pôde escrever tantas e tantas poesias em que, de harmonia com a justa e imaginosa expressão do sr. Ronald de Carvalho, “palpita com inegalavel intensidade a luz de nossos horizontes, a limpidez de nossos céus e o sonoro fragor de nossos rumorosos rios”. Ao que accrescenta o brilhante escriptor da *Pequena Historia da Literatura Brasileira* haver sido Gonçalves Dias “como uma dessas arvores da floresta tropical, onde a belleza das flores se mistura ao perfume dos fructos, ao colorido das folhas, ao canto dos passaros e á surdina musical dos ventos, num equilibrado concerto de correspondencias imprevistas”. E assim remontado não lhe fôra o en-

genho, e tão variados os dons a elle inherentes, que de certo não houvera produzido as estancias autobiographicas da primeira poesia das *Saudades*, as oitavas *Ainda uma vez—adeus!*, *O Mar*, *A Tarde*, o *Adeus aos meus amigos do Maranhão*, os dois cantos de *Analia*, poemeto que bem pudera interpretar-se como a symbolização dos martyrios do genio pelo caminho da gloria, o *Gigante de Pedra*, onde se engastam cinco estrophes dactylicas encerrando a historia guerreira do paiz até a victoria final dos colonizadores; *Y-juca-pirama*, suprema idealização esthetica do sentimento e viver do selvagem do Brasil; a *Canção do Tamoyo*, cantico sem igual ao esforço e á coragem serena diante dos trabalhos e procellas da vida; o poema d'*Os Tymbiras*, de tão arrebatadora dramaticidade, e onde as descripções se succedem a qual mais vigorosa e verdadeira; as *Sextilhas*, saudosa repercussão, em

alma de brasileiro, da alma antiga de Portugal, aventureira e valente religiosa e apaixonada . . . E considere-se que o quasi tudo da produção poetica de Gonçalves Dias, ou antes o que se encontra nos seus dois volumes de versos elle o compoz em plena juventude, havendo apparecido os *Ultimos Cantos* quando o poeta não ultrapassara os vinte e sete annos e tendo apenas com vinte e quatro lavrado no oiro de extreme linguagem classica as suas encantadoras *Sextilhas de Frei Antão*.

Vê-se, pois, que bem cedo alcançou o que era o seu desejo exposto nesta passagem da carta que escreveu no Rio em agosto de 1846 ao dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, o illustre e benemerito maranhense de quem era e sempre lhe foi amigo *ex-corde*: "Estou estudando materia para um drama; porque, como me parece que a minha vida literaria será como os dias dos po-



los, isto é, infinitamente pequena, quero fazel-a no pouco tempo que tenho a mais brilhante possível”.

Era Gonçalves Dias um espirito presago; mostrou-o em varias occasiões; e morreu de feito aos quarenta e um annos, se não é que nelle o poeta, perdido o enthusiasmo com as mais queridas illusões da juventude, já não havia principiado a morrer alguns annos atraz. A isso o conduziram as tristezas grandes e as crueis amarguras da vida que viveu: tristezas de amor e amarguras de varia procedencia; aquellas, que teem o melhor da sua historia na poesia *Ainda uma vez—adeus!*,

..... versos d'alma arrancados,  
D'amargo pranto banhados,  
Com sangue escriptos . . .

e estas, em grande parte nascidas e renovadas no convivio com a pobre senhora a que prendera o proprio destino muito menos por impulsões

de natureza amorosa, do que cedendo a razões de mero e delicado sentimentalismo.

Elle verteu no seio da amizade, chorando em segredo, a confissão de magoas tamanhas. Foi isso em carta ao dr. Alexandre Theophilo, que sempre lhe fôra como o melhor dos irmãos, e perante o qual no entanto se escusa das revelações que transmite,—em verdade um gemido que ainda hoje nos ensombra e comove,—dizendo reconhecer que não devia referir-lhe aquellas infelicidades, mas que o fazia porque, com a certeza de saber o amigo o muito que padecia, talvez lhe viesse o animo de continuar a padecer ainda mais.

Essa carta de Gonçalves Dias faz parte da secção de manuscritos da Bibliotheca Nacional por doação de Ferdinand Denis, tendo assim definitivamente perdido o character de intimidade com que fôra escripta. E' um documento interessantissimo,

e nelle está feita, com verdade a que não é possível oppor a menor duvida, a historia dos infortunios acarreados pelo casamento ao nobilissimo coração do poeta, que, no desarrazoado e doentio ciume da esposa, passara a ter incansavel e mal humorado companheiro de todas as horas, ao mesmo tempo em que adquirira a convicção de haver ligado a existencia á de uma tuberculosa de quem já recebera o virus do irremediavel deperecimento.

“Em todo esse tempo—allude a um periodo em que maior se revelou a insistencia dos zêlos da esposa—nada pude escrever de imaginação,—estudar muito pouco,—porque a mim, que sempre antes disso tinha achado uma distracção no estudo, um esquecimento de tudo quanto me incommodava, aconteceu-me um sem numero de vezes estar olhando estupidamente para o papel ou livro sem me occorrer idéa alguma, sem comprehender o que

lia". Zêlos taes é possível que fossem cançando e diminuindo. Mas a outra preocupação, essa é que nunca mais ha de ter abandonado o espirito de Gonçalves Dias; porque effectivamente aquelle contagio não fôra apenas a invenção de um cerebro facilmente impressionavel; além de que não é de suppor houvesse elle esquecido o como presentimento que o assaltou no instante em que viu a primeira vez, em um baile, a pallida moça que lhe seria a consorte, e que desde logo, franzina e talvez de olhar dolorido, lhe despertou "uma piedade, uma commiserção inexprimiveis", fazendo-o murmurar "sem o querer, irreflectida, espontaneamente, o *Pallida mortis imago* de Horacio"; palavras—acrescenta—que não lhe deixaram mais a lembrança em toda a noite daquelle baile.

Em carta que é um dos muitos primores da penna de Gonçalves Dias, disse o excelso maranhense

que os poetas não se deveriam casar. Referia-se ao seu caso, dando ao dr. Alexandre Theophilo a razão por que já eram raros os versos que produzia. Eis aqui a preciosa missiva, que é de 5 de novembro de 1853, circumstancia demonstrativa de haver, com effeito, o autor dos *Primeiros e Ultimos Cantos* vivido literariamente o que viveram os Casimiros, os Alvares de Azevedo e os Castro Alves:—aquella vida em que falara,—*pequena como os dias dos polos . . .*

“Quando os antigos—diz a carta—aconselharam o celibato para a vida intellectual, faziam bem. A virgindade do pensamento, ou antes da alma, é uma força que se multiplica pelo infinito quando se encontra com o genio, com o estudo e com a outra virgindade. Foi isto por certo o que pretenderam symbolizar no mytho das musas, que representam como solteiras, dando a entender que aos philosophos, aos ma-

thematicos, aos astrônomos, etc., e principalmente aos poetas era sobretudo conveniente viver só. Nem será isto contra a natureza, porque são de ordinario pouco prolificos os homens que vivem a vida do pensamento; se tem filhos não perpetuam a sua geração, e é bem raro passarem da terceira. Os descendentes de Homéro, de Camões, de Tasso, de Dante, de Milton, são *Illiados, Eneidas, Lusiadas, Jerusalens libertadas, Divinas Comedias, Paraísos Perdidos*, descendencia gloriosa e eterna, que é ao mesmo tempo herança e brazão do espirito humano. Não quero dizer que me abalançaria a embocar a tuba canora e bellicosa, não, mas ainda para contar sabiás e palmeiras! . . .

.....  
Os versos já não são para mim; agora só se fôr algum soporifero e pantafaçado relatorio de commissão ou parecer da respectiva sessão da minha secretaria”.

Não falta, nesta carta, o que se possa comparar á tranquilla belleza dos altos céus estrellados,—belleza que illumina e deslumbra. O mestre prosador que ahi apparece é bem o que mais tarde havia de compor *O Brasil e a Oceania*, notavel estudo em que o escrupuloso investigador, o puro homem de sciencia corre parellas com o phraseador elegante e previsto, senhor dos segredos mais subtis do nosso formoso idioma. Acontece, porém, que nos céus estrellados ha o abysmo de sombra dos espaços interplanetarios. As sombras, na carta de Gonçalves Dias, são a velada confissão de que, renunciando a viver sosinho, inadvertidamente renunciara á realização integral da propria finalidade. Foi o que traduziu na tristeza destas palavras: “os versos já não são para mim . . .”

Será em tudo exacta a opinião do poeta relativamente á conveniencia de se não casarem os verdadei-

ros trabalhadores intellectuaes? E' elle ao menos um nome a addicionar aos nomes dos immortaes que enumerou com tamanha propriedade, alludindo-lhes á eterna descendencia. Porque, na verdade, por fraca e enfermiza, morreu ainda pequenina a filha que lhe nascera do malaventurado consorcio, emquanto que não morreram as suas composições, geradas que foram da seiva do genio, manifestação miraculosa da consciencia subliminal.

A filhinha serviu-lhe apenas, tão cedo extincta, para que se lhe acrescentassem as penas da vida e os motivos de saudade:

E eu sei que morreste, filha !  
Sei que a dor de te perder,  
Emquanto eu for vivo, nunca,  
Nunca se ha de esvaecer !

E as laudas que lavrou, e os versos que escreveu, esses ahi estão, vive-doiros e luminosos, gloria do seu nome e gloria da terra do Brasil . . .